

VOTO

#147

Exemplos que inspiram o Brasil

**EMPRESAS LANÇAM INICIATIVAS
DE SOLIDARIEDADE PARA AJUDAR
O PAÍS NO COMBATE À PANDEMIA**

STÉPHANE ENGELHARD E NOEL PRIÔUX, DO GRUPO CARREFOUR,
INVESTIRAM NAS AÇÕES SOCIAIS EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

ENTREVISTA: SENADOR LASIER MARTINS

“Temos de manter o combate à corrupção,
a praga que tem travado o progresso há décadas”

HARMÔNICOS E INDEPENDENTES

Ives Gandra da Silva Martins defende
diálogo entre os poderes



VOTO

DIRETORA-EXECUTIVA
Karim Miskulin
karim@revistavoto.com

EVENTOS E NOVOS NEGÓCIOS
Laura Regenin
eventos@revistavoto.com

COORDENAÇÃO EDITORIAL



www.agenciaturutu.com.br

REDAÇÃO
Rua Santa Cruz, 722,
5º andar Vila Mariana
CEP 04122-000
São Paulo/SP
Tel.: (11) 3170-1571

PUBLICAÇÕES

DIRETORA DE CONTEÚDO
Elisa Klabunde

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Lucas Mota - MTB 46.597/SP

EDITORAS-ASSISTENTES
Leda Rosa

REPÓRTER
Filipe Lopes e Lúcia Helena de Camargo

FOTOS
Christian Parente e Iara Marselli

ESTAGIÁRIA
Gabriela Henrique

REVISÃO
Bruna Baldini e Flávia Marques

DIRETORES DE ARTE
Clara Voegeli e Demian Russo

EDITORA DE ARTE
Carolina Lusser

DESIGNERS
Bruck Nogueira, Joélson Buggilla,
Paula Seco, Pedro Vó e Tiago Araujo

COLABORAM NESTA EDIÇÃO
Aline Carvalho e Marcus Lopes

COLUNISTAS
Antônio Augusto, Ives Gandra Martins,
Juliana Nakad, Karene Vilela, Luciano
Zucco, Mateus Bandeira, Marco Antônio
Campos, Orlando Cintra, Paulo Moura,
Percival Puggina e Sérgio Lima

RELAÇÕES PÚBLICAS
Maria Izabel Collor de Mello
e Paula Dias

*As opiniões expressas nos artigos
assinados são de responsabilidade de seus
autores. Todos os direitos reservados.*

FOTOS DA CAPA
Iara Morselli

PERIODICIDADE
Bimestral

IMPRESSÃO
Gráfica Odisséia



#147

A sintonia do setor empresarial
com os desafios impostos pela
pandemia se traduz em iniciativas
solidárias, que reforçam os laços
com a sociedade e descortinam dias
melhores para todos os brasileiros.
Vamos em frente!

ASSINATURAS

secretaria@revistavoto.com

site www.revistavoto.com.br | twitter @revistavoto
facebook /revistavoto | instagram @revista_voto

São Paulo/SP
Rua Senador
Vergueiro, 489
CEP: 04739-060
Fone: (11) 3791-4954

Porto Alegre/RS
Av. Carlos Gomes,
1.155/902
CEP: 90480-004
Fone: (51) 3028-8286

VOTO

POLÍTICA, CULTURA E NEGÓCIOS

#147



8

CAPA

Liderança com propósito

14

MATEUS BANDEIRA

A crise sanitária vai passar, mas a econômica mal começou

16

PERCIVAL PUGGINA

Salvemos a cultura e a civilização ocidental



18

SETORIAL TURISMO

Chega de ficar em casa?

24

IVES GANDRA MARTINS

Desafios conjunturais

26

ENTREVISTA

André Clark,
CEO da Siemens



Desafios conjunturais

24 | **A** CRISE MUNDIAL PROVOCADA pelo covid-19 está longe de uma solução, visto que, apesar dos esforços de cientistas de todo o mundo, não se encontrou, ainda, uma vacina contra a insidiosa doença e restam muitas dúvidas sobre o seu espectro.

Se o problema concernente à saúde continua grave e preocupante, o problema econômico não é menor, exigindo reformulação dos padrões clássicos de planejamento para compensar, em termos de elevada queda do PIB, a alavancagem da recuperação futura, na qual alguns elementos de difícil contenção e compressão permanecem, a despeito do preço que a sociedade está pagando, como é o do custo burocrático dos governos mundiais.

A queda do PIB em todos os países provoca menos receita tributária para sustentar a máquina administrativa pesada que exige os mesmos recursos pré-pandemia de uma sociedade fragilizada, com redução de disponibilidades para investimentos e sensível aumento do desemprego no mundo.

As políticas econômicas globalizadas cedem terreno às políticas nacionais, à luz da necessidade das nações de enfrentar os efeitos deletérios da crise, em nível não simétrico.

A exigência de preservação em cada país de sua força produtora gera um retorno, pelo menos provisório, à teoria de “Mateus, primeiro os teus”, visto que a ajuda dos

países mais ricos ou de organismos internacionais aos emergentes ou às nações mais pobres terá redução considerável, além de sensível impacto no comércio internacional. Todos os governos do mundo enfrentam os mesmos dilemas.

O Brasil acrescentou uma terceira crise, desde a saída cinematográfica do ministro Sérgio Moro, que, como magistrado, passou à história do Brasil no combate à corrupção, ou seja, uma crise política, na qual os três poderes estão envolvidos, até mesmo em manifestações de seus dirigentes à imprensa, que, como quarto poder da sociedade, envolveu-se também com tomada de posição sobre a conjuntura nacional.

Começo pela presidência. Eleito pelas redes sociais, contra a maioria dos grandes veículos de comunicação, terminou se indispondo com a clássica mídia – não saberia dizer se por ação ou reação –, passando a ter a imprensa, em grande parte, contra ele. Dessa forma, só o que não vai bem no governo é noticiado. Exemplifico com o noticiário sobre o coronavírus. O Brasil, por sua população, está, em números absolutos, em segundo no ranking de mortes no mundo. Em números relativos, todavia, estava em 19º lugar ainda na semana passada. Embora tenhamos

em torno de 50 mil mortos, temos também, aproximadamente, 1 milhão de brasileiros curados. Os dados positivos não são trazidos ao público pela maioria da grande imprensa. Outro exemplo: o maior programa social da história do Brasil, ou seja, os R\$ 600 distribuídos para dezenas de milhões de brasileiros, que exigiu uma logística fantástica em montagem e rapidez, só é lembrado pelos poucos milhares de pessoas que ainda não receberam.

O Poder Judiciário, cujos ministros, indiscutivelmente, são competentes e idôneos, na adoção do “consequencialismo jurídico”, que se auto-outorgou de poder invadir competências de atribuições e legislativas de outros poderes, viu todos os seus ministros, escolhidos pelos presidentes anteriores, sentirem-se com a missão civilizatória de corrigir o que consideravam errado na atuação dos outros poderes, com o que passaram a ter uma atuação, além da Constituição, de caráter também político, estimulada pelo apoio da mídia antipresidente, com o que as declarações de Bolsonaro e de ministros do Pretório Excelso, constantemente, são objeto de posicionamentos não jurídicos. Já não falam só nos autos, mas também fora deles.

O Legislativo, por outro lado, a todo o momento, por meras suspeitas, vê seus parlamentares, apoiadores do presidente, serem investigados, sofrerem buscas e apreensões, perdendo, pela não defesa de sua autonomia e liberdade de expressão, protagonismo no debate Judiciário *versus* Executivo.

Os três poderes foram tratados no título IV da Constituição Federal, muito embora a defesa do Estado e das instituições democráticas, em momentos de crise, tenha sido disciplinada no título V. Tem a seguinte dicção: “Da Defesa do Estado e das Instituições Democráticas”, divi-

“O problema econômico não é menor, exigindo reformulação dos padrões clássicos de planejamento para compensar, em termos de elevada queda do PIB, a alavancagem da recuperação futura.”

dido em quatro partes (Estado de Defesa, de Sítio, Forças Armadas e Segurança Pública).

Estamos num Estado democrático de direito (artigo 1º) em que os poderes devem ser harmônicos e independentes (artigo 2º).

Estou convencido que chegou o momento de os três poderes dialogarem a bem do País, pois as soluções para os desafios atuais poderão ser comprometidas pela inoportunidade dessa crise entre poderes. Temos necessidade de duas reformas fundamentais para permitir o Brasil começar a se levantar da violenta queda do PIB, do desemprego e da perda de competitividade. De uma reforma tributária e de uma reforma administrativa. Na primeira, abandonaria as grandes mudanças constitucionais e passaria a uma reforma simplificadora da legislação ordinária para facilitar a compreensão da caótica legislação brasileira. Seria mais simples, mais rápida e mais útil. Na segunda, se não fizermos uma “lipoaspiração” no tamanho da burocracia e da Federação, reduzindo a esclerosada máquina administrativa, o Brasil estará condenando, para benefício de uns poucos, gerações futuras de brasileiros.

O momento é de efetivas crises econômica e de saúde. Que os nossos dirigentes discutam os problemas de divergências políticas quando a nau da Federação tiver deixado o tormentoso mar das duas crises, pois, caso contrário, o mar sorverá essa nau com seus passageiros.

IVES GANDRA MARTINS

Jurista, advogado, professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, escritor e presidente do Conselho Superior de Direito da FecomercioSP.